

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

VITÓRIA FOGOLIN VIEIRA

MULHERES APRESENTADORAS NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO:
COADJUVANTES OU PROTAGONISTAS?

BAURU

2021

VITÓRIA FOGOLIN VIEIRA

MULHERES APRESENTADORAS NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO:
COADJUVANTES OU PROTAGONISTAS?

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo - Centro Universitário Sagrado
Coração.

Orientação: Profa. Dra. Leire Mara
Bevilaqua

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD

V657m	<p>Vieira, Vitoria Fogolin</p> <p>Mulheres Apresentadoras no Telejornalismo Brasileiro: Coadjuvantes ou Protagonistas / Vitoria Fogolin Vieira. -- 2021. 58f.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Leire Mara Bevilaqua</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Âncoras de telejornal. 2. Mulheres jornalistas. 3. Representatividade feminina 4. Telejornalismo brasileiro.</p>
-------	---

VITÓRIA FOGOLIN VIEIRA

MULHERES APRESENTADORAS NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO:
COADJUVANTES OU PROTAGONISTAS?

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo – Centro Universitário Sagrado
Coração.

Aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Leire Mara Bevilaqua (Orientadora)
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a Dra. Liliâne de Lucena Ito
Centro Universitário Sagrado Coração

Fernanda Camargo
jornalista

Dedico este trabalho ao meu irmão Victor e à minha irmã Noemy, que eles possam seguir os meus passos.

AGRADECIMENTOS

Na manhã do dia 15 de abril de 1999, em uma cidade do interior de São Paulo chamada Bocaina, nascia a futura Jornalista Vitória Fogolin Vieira. O caminho até aqui teve alguns obstáculos e algumas perdas, como meu querido Papai que se encontra no céu. Ele sempre apoiou meu sonho e sei que teria muito orgulho desta conquista.

No entanto, tive ao meu lado minha Mãe, que teve força e dedicação e nunca desistiu, mesmo com a falta do meu pai. Ela conseguiu criar três filhos e manteve, esse tempo todo, meu sonho aceso para que eu caminhasse até aqui.

Sou grata também à minha família, por ter me apoiado ao longo da vida, e aos meus amigos, em especial, minha amiga Hemily Polonio, por enfrentar comigo essa aventura.

Para finalizar, aproveito a oportunidade para agradecer a todos os professores do Unisagrado nesses cinco anos de faculdade. Especialmente, a professora Ma. Larissa Roseto, que contribuiu para o início desta pesquisa, e a professora Dra. Leire Mara Bevilaqua, que concluiu a minha orientação. Por toda consideração e apoio emocional, muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho consiste em um programa televisivo, ancorado nas pesquisas: histórica, bibliográfica e documental, sobre a presença feminina na apresentação de telejornais no Brasil. A partir da pesquisa, foi produzido o conteúdo audiovisual no formato de programa de entrevista com dados históricos relacionados ao tema, além das visões de jornalistas com experiência em televisão sobre o papel feminino no telejornalismo brasileiro. O referencial teórico aborda a diferenciação entre coadjuvantes e protagonistas das mulheres como âncoras, bem como uma breve história do telejornalismo brasileiro. Já o programa de entrevista promove um debate sobre a representatividade feminina e o papel de coadjuvante ou de protagonista das jornalistas no telejornalismo brasileiro, bem como das experiências individuais das entrevistadas. Foi possível concluir que, apesar de estarem ganhando espaço como protagonistas, as jornalistas ainda enfrentam muitos desafios.

Link programa de entrevista: <https://www.youtube.com/watch?v=-Pdcj6PFERA>

Palavras-chave: Âncoras de telejornal. Mulheres jornalistas. Representatividade feminina. Telejornalismo brasileiro.

ABSTRACT

This work consists on a television program, anchored in historical, bibliographic and documentar researchs, on the female presence in the presentation of newscasts in Brazil. From the research, audiovisual content was produced in the format of an interview program with historical data related to the theme, in addition to the views of journalists with experience in television about the female role in Brazilian television journalism. The theoretical framework addresses the differentiation between supporting actors and protagonists of women as anchors, as well as a brief history of Brazilian television journalism. The interview program promotes a debate on female representation and the role of supporting or protagonist of journalists in Brazilian television journalism, as well as the individual experiences of the interviews. It was possible to conclude that, despite gaining ground as protagonists, journalists still face many challenges.

Keywords: Brazilian television journalism. Female representation. News anchors. Women journalists.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.2	HIPÓTESE.....	11
1.3	OBJETIVO GERAL.....	11
1.3.1	Objetivos específicos.....	11
1.4	JUSTIFICATIVA.....	11
1.5	METODOLOGIA.....	12
1.6	ESTRUTURA DO RELATÓRIO.....	13
2	BREVE HISTÓRICO DO TELEJORNALISMO.....	14
2.1	APRESENTAÇÃO E ANCORAGEM NOS TELEJORNAIS.....	16
2.2	QUESTÕES DE GÊNERO E MERCADO DE TRABALHO.....	18
2.2.1	A mulher âncora nos telejornais	20
3	O FORMATO PROGRAMA DE ENTREVISTA	29
3.1	A PRODUÇÃO.....	30
3.2	O MOMENTO DA ENTREVISTA.....	31
3.3	A ETAPA DA EDIÇÃO	32
4	DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	33
4.1	A PRÉ-PRODUÇÃO DO PROGRAMA.....	33
4.2	DETALHES DA GRAVAÇÃO	34
4.3	A EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO.....	35
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE A.....	41
	APÊNDICE B	53
	ANEXO A.....	56

1 INTRODUÇÃO

Há uma relevância em se discutir o papel da mulher no telejornalismo brasileiro. Nos telejornais, é comum ver o sexo feminino na apresentação. Contudo, há uma dúvida se a mulher se faz presente para ser protagonista ou coadjuvante.

Em uma pesquisa IBGE e da Federação Nacional dos Jornalistas sobre a presença da feminina no mercado de trabalho, a quantidade de mulheres à frente de telejornais brasileiros é menor por haver um descrédito em relação à competência do sexo feminino para desempenhar o papel de apresentadoras nas bancadas dos telejornais. Olhando para o cenário atual, a mulher vem conseguindo o seu lugar no mercado de trabalho e buscando a igualdade em relação ao sexo masculino.

A televisão foi implantada no Brasil em 1950 e o primeiro telejornal foi o “Imagens do dia”, que nasceu junto com a TV Tupi, de Assis Chateaubriand. O programa era ao vivo, em preto e branco, com o mínimo de imagens e notícias rápidas que falavam sobre o dia a dia da cidade de São Paulo (PORCELLO, 2010).

O primeiro apresentador de TV era um homem, o jornalista Rui Resende, que veio do rádio. Mas o primeiro telejornal a ter sucesso no Brasil foi o “Repórter Esso”, também apresentado por dois homens e locutores de rádio, Kalil Filho e Gontijo Teodoro. No início, não se notava muitas mulheres à frente das câmeras. Elas acabavam trabalhando nas redações.

O telejornal transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas percepções sobre a realidade, gerando uma nova intimidade com pessoas e lugares antes distantes e desconhecidos. O telejornalismo é forma diferenciada de ação e de interação no mundo social, pois determina novos tipos de relações sociais e novas maneiras do indivíduo entender e relacionar-se com mundo e com ele mesmo (TEMER, 2010, p. 116).

É por isso que, com a evolução das mulheres no mercado de trabalho, segundo Santos e Temer (2018), houve um avanço importante de ocupação dos espaços nos telejornais. A chegada da televisão e do telejornalismo trouxeram a necessidade de se atingir o público com as notícias, por meio de uma linguagem oral e visual da mesma forma que o rádio ganhou espaço na sociedade. No começo, a maioria das redações era composta por mais homens do que mulheres, com isso as mulheres tiveram que se adaptar e tentar ganhar seu espaço no mercado de trabalho.

Segundo o livro “60 Anos de Telejornalismo no Brasil”, a primeira aparição de uma mulher em frente às câmeras em um telejornal na Globo foi em 1978. A pioneira foi Vanessa Kalil, que começou com reportagens em externas. Ela mesma relata aos autores do livro que tinha que chegar à redação com os textos prontos e gravados, pois era proibido pela Globo gravar textos na redação, uma imposição feita somente a jornalistas mulheres naquele período. Os motivos dessa decisão da empresa, contudo, não são apontados pela jornalista durante a entrevista.

Louro (2010) aponta que as desigualdades sociais entre homens e mulheres são remetidas às características biológicas, e que a relação entre ambos decorre dessa distinção.

Nesse sentido, segundo os estudos de gênero afirmam que não existe uma “essência feminina”, nem uma “essência masculina”, mas um aprendizado ao longo da vida de comportamentos socialmente esperados de uma mulher ou de um homem. (MATHIEU, 2009, p. 14)

O autor destaca ainda que essas características não são construídas nem aprendidas de maneira independente, mas numa relação de oposição entre masculino e feminino, com a supremacia do masculino.

Já Silva (2010) revelou, ao realizar um estudo etnográfico na redação de um telejornal que, dentre os comportamentos encontrados, foi surpreendida por um profissional em um cargo de chefia. Segundo a autora, ele

[...] assumiu uma postura vertical, dando-lhe ordens sobre quem deveria entrevistar para a pesquisa, sempre tendo como critério os cargos do topo da hierarquia da empresa, todos ocupados também por homens; presenciou também um homem e uma mulher se revezando interinamente no comando de um programa, situação na qual eles e a equipe replicaram diversos estereótipos de gênero, inclusive com a mulher não tendo a autoridade reconhecida pela equipe, fazendo com que ela se sentisse desconfortável por estar naquela posição (SILVA, 2010, p. 88) .

Esse é mais um exemplo da dificuldade enfrentada por mulheres jornalistas nas redações televisivas.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante do tema exposto, a pergunta que se impõe é: por que historicamente há mais homens âncoras apresentando telejornais no Brasil do que mulheres? As mulheres seriam coadjuvantes ou protagonistas?

1.2 HIPÓTESE

Uma explicação possível é que o coadjuvantismo feminino remonta ao início da implantação da imprensa no país e começa desde a estruturação dos jornais impressos, em que os cargos de chefia já eram ocupados por homens, que detinham a credibilidade profissional.

1.3 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem o objetivo de debater o papel e a representatividade da mulher como âncoras e apresentadoras de telejornais no Brasil, questionando o porquê de elas ainda serem minoria como protagonistas no telejornalismo brasileiro.

1.3.1 Objetivos específicos

- Realizar uma revisão bibliográfica sobre a história da televisão no Brasil e a participação feminina no telejornalismo.
- Identificar se as mulheres são protagonistas ou coadjuvantes nos telejornais.
- Produzir um programa de entrevista que debata o papel feminino como âncora nos telejornais.

1.4 JUSTIFICATIVA

Até hoje, é possível ver nos telejornais mais homens nas funções de apresentadores/âncoras do que mulheres. De acordo com Farfan (2015), “A presença feminina na apresentação ou ancoragem de telejornais é um tópico ainda pouco estudado” (FARFAN, 2015, p. 13).

Por isso, este trabalho visa entender o porquê de a presença das mulheres no telejornalismo brasileiro como âncora ainda ser inferior a dos homens na mesma função. Entre as diversas áreas no jornalismo, foi escolhido o suporte midiático televisivo porque ainda é o meio pelo qual as pessoas mais se informam, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O produto audiovisual consiste num programa de entrevista, que trará a visão de mulheres jornalistas no meio televisivo, em relação ao problema colocado, o da presença feminina ser inferior à masculina em bancadas de telejornais.

Foi escolhido o formato de programa de entrevista porque ele é mais flexível e oferece a oportunidade de aprofundar a discussão, uma vez que dá voz justamente às mulheres para que elas sejam protagonistas ao abordar essa questão.

1.5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesse trabalho é a revisão bibliográfica, uma vez que

[...] busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (BOCCATO, 2006, p. 266).

Para isso, este trabalho fundamenta-se em informações extraídas do conteúdo de livros como “60 Anos de Telejornalismo no Brasil”, “Telejornal: Praça Pública”, em conjunto com a pesquisa documental, que, como anuncia o próprio nome, tem o documento como objeto de investigação. Conforme Sá-Silva et al. (2009, p. 5), “no entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito [...]”.

A gravação de entrevistas com jornalistas de televisão também faz parte do escopo do trabalho e teve como objetivo entender e compreender o porquê de as mulheres serem minoria como âncoras em bancadas de telejornais. A partir delas, as profissionais puderam relatar como é trabalhar em um meio majoritariamente masculino, além das mudanças que vêm ocorrendo no meio televisivo ao longo das últimas décadas. E, para essa produção, foram mobilizadas técnicas jornalísticas como produção, roteirização e apresentação em televisão.

1.6 ESTRUTURA DO RELATÓRIO

Para o desenvolvimento do presente relatório de Trabalho de Conclusão de Curso, foram elaborados cinco capítulos ao todo.

O Capítulo 1 é formado pela apresentação do tema, problema da pesquisa, hipótese, objetivo geral, objetivos específicos, justificativa e metodologia, uma forma de apresentar cada uma das etapas de desenvolvimento do estudo e produção do produto audiovisual.

No Capítulo 2 apresenta-se um breve histórico do telejornalismo, a função de apresentação e ancoragem nos telejornais, questões de gêneros e mercado de trabalho e, por fim, a mulher âncora nos telejornais no Brasil.

Já o Capítulo 3 traz detalhes sobre o gênero e o formato do programa de entrevista, bem como as etapas de produção.

O Capítulo 4 descreve o processo de produção do programa de entrevista, a identidade visual criada, as entrevistadas e o motivo da escolha, além de um detalhamento do momento da gravação e da edição do programa.

Para finalizar o relatório, o Capítulo 5 apresenta as considerações finais e a conclusão da pesquisa.

2 BREVE HISTÓRICO DO TELEJORNALISMO

No ano de 1950, a televisão chegava ao Brasil. Fundada por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, no dia 18 de setembro, a primeira emissora chamava-se PRF-3 TV Difusora ou TV Tupi. No início, só funcionava em São Paulo, mas, em abril de 1951, foi inaugurada uma filial no Rio de Janeiro.

Com a inauguração da emissora, estreou o primeiro telejornal, chamado “Imagens do Dia”, que mostrava imagens brutas e sem edição. O locutor Ruy Rezende lia as notícias e ocupava ainda os cargos de produtor e redator.

Nos anos seguintes, outras emissoras foram surgindo, por exemplo, a TV Paulista, em 1952, e a TV Record, que fez a sua primeira transmissão em 1953.

Em 1952, foi quando também surgiu o “Repórter Esso”, o telejornal de maior importância na década. “Os apresentadores eram, em sua maioria, locutores com experiência, porém não eram jornalistas profissionais. Todos os telejornais eram apresentados com uma cortina ao fundo, uma mesa e uma placa com o nome do patrocinador” (SILVA, 2009, p. 9).

Assim, o telejornalismo foi conquistando o público brasileiro e se expandindo com as novas tecnologias. Dez anos após a chegada da televisão ao Brasil, as emissoras começaram a inovar com formatos originais dos telejornais. Um deles era o “Jornal de Vanguarda”, da TV Excelsior e dirigido por Fernando Barbosa Lima. A maioria da equipe era formada por jornalistas vindos do impresso, como os colunistas Millôr Fernandes e João Saldanha, e locução de Cid Moreira e Luís Jatobá. Em 1963, o telejornal recebeu o “Prêmio Ondas”, na Espanha, sendo considerado o melhor do mundo. Porém, em 1964, veio o golpe militar, o que fez com que a equipe adotasse novas estratégias para veicular seus conteúdos, o que acabou descaracterizando o produto jornalístico, que foi descontinuado. “A censura colocou locutores no lugar de jornalistas nos telejornais. O texto jornalístico passou a ser simplesmente lido e não fugia do modelo que chegava nas redações” (MELLO, 2009, p. 5).

Mesmo que não tenha sido apresentado por muito tempo, o “Jornal de Vanguarda” foi um dos primeiros responsáveis por romper com a linguagem radiofônica que dominava os telejornais brasileiros. Isso porque, além dele, não houve inovações significativas nessa primeira década. Com a ditadura, outros programas com perfil de oposição ao governo surgiram, entre eles o de debate chamado “Pinga-fogo”, transmitido na TV Tupi de São Paulo. O programa de entrevistas promovia o

debate entre políticos e era inovador, pois contava com a participação do público pelo telefone.

A década de 1960 foi marcada pela chegada de aparelhos de televisão mais modernos e acessíveis, o que favoreceu a entrada de mais uma emissora no mercado, a TV Globo, inaugurada em 1965. Com maior índice de audiência até a atualidade, a emissora investiu em uma programação composta por telenovelas, programas de auditório e filmes importados dos Estados Unidos.

Em setembro de 1969, foi realizada a exibição da primeira edição do Jornal Nacional, que levou informações ao público com um novo formato de telejornalismo e transmissão via satélite: “O JN já nasceu em rede e foi visto ao vivo por São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Apresentado por Hilton Gomes e Cid Moreira, o telejornal atingia, desde o início, aproximadamente 60 milhões de brasileiros” (VIZEU, 2008, p.54). Coutinho (2010) também ressalta que “[...] desde sua primeira exibição, [...] o Jornal Nacional sempre ocupou lugar de destaque na sociedade brasileira, podendo ser considerado como uma espécie de arena da vida pública no Brasil” (COUTINHO, 2010, p. 66).

Em maio de 1967, outras emissoras começaram a considerar a relevância do telejornalismo no cenário brasileiro. Ao entrar no ar, a emissora TV Bandeirantes, comandada pelo empresário João Saad, apostou nas coberturas esportivas e jornalísticas. O “Jornal da Band” é dessa época e continua até hoje. Já o “Jornal da Record” foi transmitido pela primeira vez em 1972, apresentado por Hélio Ansaldo.

Já nesse período, estava clara a importância da TV e o quanto ela ocupava espaço na vida das pessoas. Dados do IBGE apontam que, em 1980, 55% das residências contavam com o aparelho, um crescimento de 1272% em relação ao ano de 1960. A Rede Globo assumiu a liderança, enquanto a TV Tupi também conquistava parte significativa da audiência até a década de 1980, antes de ser dividida entre a TV de Silvio Santos (SBT) e Adolfo Bloch.

Com o fim da ditadura, as emissoras começaram a trocar locutores por jornalistas âncoras, pois queriam dar mais credibilidade às notícias veiculadas ao público. Mota (2009) relata que foi nessa época que as mulheres começaram a ganhar o seu espaço. “Algumas se tornaram famosas e respeitadas, como Mônica Waldvogel, Ana Paula Padrão e Fátima Bernardes. Tornou-se também comum o modelo de apresentação baseado em um casal na bancada do estúdio” (MOTA, 2009, p. 3).

Alguns estudiosos dizem que a figura do âncora chegou ao Brasil com o jornalista Boris Casoy em 1988, quando estreou o “TJ Brasil”, no SBT.

Pela primeira vez no telejornalismo brasileiro, o apresentador passou a entrevistar e comentar os acontecimentos anunciados. (...) A resposta do público à novidade foi imediata e logo se refletiu no faturamento e, em pouco tempo, o TJ Brasil passou a ser o segundo produto do SBT a atrair mais publicidade. Boris Casoy e seu Telejornal Brasil causaram certo desconforto nas outras emissoras que passaram também a adotar novos estilos de apresentação (SILVA, 2009, p.18).

O “Jornal Nacional” também seguiu a tendência de substituição de apresentadores por âncoras. Em abril de 1996, os apresentadores do telejornal, Cid Moreira e Sergio Chapelin, se despediram do noticiário para dar espaço a um casal formado por Willian Bonner e Lilian Witte Fibe. “Na verdade este foi um momento de mudança geral no telejornalismo da Globo, que não se limitava à troca de apresentadores. Novos cenários e uma edição mais dinâmica também foram adotados” (REZENDE apud MOTA, 2009, p. 19).

Com essa movimentação no telejornalismo em relação aos âncoras, os jornais começaram a ganhar ainda mais audiência. O cenário começou a mudar e os apresentadores nos estúdios passaram a ficar em pé e até a caminhar enquanto liam as notícias.

[...] a interação com o público ganha força e a desenvoltura e naturalidade com que apresenta as notícias tornam-se fundamentais para o sucesso do âncora e conseqüente sucesso do programa, pois ele passa a ser o símbolo do programa que apresenta (SILVA, 2009, p. 37).

2.1 APRESENTAÇÃO E ANCORAGEM NOS TELEJORNAIS

No começo da televisão no Brasil, o rádio teve uma influência direta principalmente pela vinda de locutores, que acabaram migrando para o novo veículo. A televisão não tinha uma linguagem específica. O teatro também teve um papel importante no início da TV. Os espetáculos eram transmitidos ao vivo e ocupavam parte considerável da programação.

Os apresentadores eram sempre locutores com experiência, mas não eram jornalistas profissionais. A exemplo do jornalístico “Repórter Esso”, criado em 1952, os programas eram apresentados por apresentadores com uma cortina ao fundo e

uma mesa simples com o nome do patrocinador. Como a maior parte não participava da produção dos telejornais, não eram considerados âncoras.

O âncora é um apresentador de um telejornal que também atua como um editor, produtor, pauteiro ou repórter. Ele também pode ser um editor-chefe ou editor-executivo. O âncora personifica a linha editorial e visual do programa. Ele leva as notícias para a população, não sendo importante apenas pelo contato visual que tem com o público, mas também pela liderança que exerce sobre as decisões do conteúdo veiculado. A palavra âncora ou *anchorman* vem dos Estados Unidos e foi criada na década de 1950 para denominar os apresentadores do telejornalismo. Eles eram considerados confiáveis e recebiam altos salários pela função.

No Brasil, o primeiro registro de um âncora foi em 1976. A definição de âncora, segundo Silva, é a de “um jornalista que participa de todo o processo de produção de um telejornal e não só apresenta, como também comenta, interpreta e opina sobre as notícias” (SILVA, 2009, p.11). Já em relação à escolha, Silva acrescenta que “seu carisma, credibilidade e talento para apresentar serão decisivos na escolha do público” (SILVA, 2009, p.11).

No Brasil a função de ancoragem começou a ganhar relevância com o aprimoramento da produção dos telejornais e a necessidade de se ter um apresentador que fosse capaz de noticiar um acontecimento de última hora com desenvoltura e capacidade de improvisação. A figura do âncora passou a trazer credibilidade aos telejornais, carregando a responsabilidade sobre o que estava sendo veiculado.

Praticamente todos os jornalistas que atuam como âncoras no Brasil são também editores-chefes dos seus telejornais. Portanto, está na mão deles a escolha do material que será exibido. Ele decide o que deve ser notícia no telejornal. Daí a responsabilidade com o que é veiculado no programa que apresenta (SILVA, 2009, p. 37).

A imagem dos âncoras de telejornais tinha que ser construída em uma linha entre a objetividade e a imparcialidade, pois não pode ser demonstrado um posicionamento por parte do apresentador.

Por mais que seja tratado no universo extra-linguístico como uma ‘estrela’, nos telejornais mais convencionais, o apresentador jamais faz referência ao seu próprio papel, a si ou a quem quer que ele represente: ele nunca ‘fala’,

de modo explícito, em seu próprio nome e raramente fala em nome da própria equipe de produção do telejornal (FECHINE, 2008, p. 3).

Essa era tida como uma regra geral na televisão brasileira. Com o desvio de algumas emissoras, como a TV Record, essa regra acabou sendo superada quando se percebeu que o âncora tinha capacidade para tornar pública uma posição, o que poderia trazer mais audiência ao telejornal.

Mais recentemente, e por influência de emissoras como a TV-Record e TV-SBT, repórteres e apresentadores comentam os assuntos e as reportagens, construindo significados explícitos para os acontecimentos em geral. Esta nova postura se refletiu no noticiário da TV-Globo, cujos âncoras se viram, de um momento para outro, obrigados a comentar assuntos, a se comportarem de maneira mais informal (MOTA, 2009, p. 6).

Com isso, ressaltamos que o âncora não é apenas um apresentador, pelo fato de ele ser decisivo na definição do conteúdo que vai ao ar, podendo assim opinar e comentar as notícias até de maneira improvisada. Essas características podem passar, inclusive, mais credibilidade para o público. Enquanto isso, os apresentadores são profissionais com boa fluência em locução, que recebem o texto do telejornal escrito por editores.

2.2. QUESTÕES DE GÊNERO E MERCADO DE TRABALHO

O conceito de gênero trata sobre as diferenças biológicas entre o sexo feminino e o masculino que repercutem nos diferentes papéis que homens e mulheres ocupam. Ou seja, “[...] pretende se referir ao modo como as características sexuais são representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (LOURO, 2010, p. 22).

O estudo do conceito de gênero teve início no fim da década de 1960 e pretendia entender e buscar respostas para as situações de desigualdade entre mulheres e homens.

[...] seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem científica, a distinção biológica serve para compreender – e justificar – a desigualdade social. Inserido na perspectiva da mídia televisiva, essas dicotomias entre o masculino e o feminino também se fazem presentes (LOURO, 2010, p. 21).

Mesmo com a separação do espaço público e da questão privada, no ambiente profissional, incluindo as emissoras de televisão, é nítida a diferença das atribuições cobradas dos dois profissionais. “As entrevistas/debates e os talk shows operaram uma divisão de gêneros. Assim, os homens apareciam habilitados para discutir ideias e as mulheres para falar de emoções” (LOPES, 2007, p. 2).

Dessa forma, a televisão e o mercado de trabalho como um todo precisam rever essa diferenciação ao impor uma divisão sexista das atividades.

[...] é decorrente da necessidade de se pensar o feminino e o masculino para além da noção binária de sexo ou diferença sexual, uma vez que tais conceitos se encontram atrelados a ideias cientificistas e, conseqüentemente, deterministas de natureza biológica (FUNCK, 2008, pp. 183-184).

No contexto das relações sociais de gênero, é preciso considerar uma conjunção de identidades entre homens e mulheres. Essas relações têm uma representação muito importante, pois a identificação impacta na construção dos papéis sociais. Com isso, Louro (2010) ressalta que “[...] para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (LOURO, 2010, p. 21). É importante considerar que essa relação têm um vínculo com o poder, uma vez que “[...] homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças” (LOURO, 2010, pp. 39-40).

Em reportagem sobre o Dia Internacional da Mulher de 2005, intitulada “Mulheres jornalistas também sofrem violência de gênero”, a FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas – alerta que os casos de abuso, como assédio moral e sexual, e até a ausência de contratação, por serem mulheres, cresceram no país. A reportagem aponta ainda que poucas conseguem chegar aos cargos de comando.

Por volta dos anos de 1970 e 1980, a quantidade de mulheres no jornalismo era muito menor que a atual. Reflexo das tendências de ocupação do mercado de trabalho em geral. No início da década de 1990, com a industrialização e a urbanização, houve uma incorporação maior da mulher no mercado de trabalho.

[...] analisando o mercado de trabalho, os estudos têm mostrado que, embora as trabalhadoras continuem concentradas em determinados guetos, elas parecem passar por uma certa reacomodação, diversificando mais seu leque de ocupações. O melhor nível de escolaridade feminina favorece a

transferência de um volume considerável de mulheres de ocupações menos qualificadas, como o emprego doméstico onde, no entanto, continua concentrada a maior parte das trabalhadoras, segundo o Censo de 80, para outras nas quais um certo nível de instrução é necessário como comércio e atividades burocráticas, principalmente (BRUSCHINI, 1991, p. 118).

Dados retirados do texto “Mulheres e o mundo de trabalho” (BRUSCHINI, 1991, p. 118) apontam que as mulheres tiveram um avanço muito grande na década de 1980, chegando a um crescimento de 48,1% de ocupação profissional, enquanto os homens cresceram 24,2%. Mesmo assim, a diferença salarial continuava, com até cinco salários abaixo do que os homens ganhavam, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A diferença salarial é fruto do machismo, pois, para o senso comum, o homem deve sempre se destacar mais e tem que sustentar a família. No decorrer dos anos, esse preconceito vem sendo desconstruído no pensamento da população. Há uma mudança em relação ao poder da mulher na profissão jornalística, como bem destaca a jornalista Alice Maria Reiniger para Habib (2005):

O jornalismo, até o final dos anos sessenta, era uma profissão quase que só para homens. Havia algumas mulheres, mas eram raras. A faculdade criou uma oportunidade para a mulher. O meu caso, por exemplo. Se eu não tivesse feito o curso de jornalismo da UFRJ, certamente não teria ido parar numa redação. Hoje em dia, o quadro mudou. E há mais mulheres nas faculdades de comunicação do que homens (HABIB, 2005, p. 21).

A jornalista ainda fala que, até recentemente, cabiam ao sexo masculino os cargos mais altos nas empresas e tenta justificar o porquê. “Os homens, na maioria, são mais antigos na profissão e pela experiência ocupam mais cargos de chefia. É natural que seja assim” (HABIB, 2005, p. 21).

A jornalista Fátima Bernardes, que também foi âncora do Jornal Nacional, da Rede Globo, relata a Abreu e Rocha (2006) que o desafio atual das mulheres é atingir os cargos importantes: “Antes, as mulheres diziam: tenho que trabalhar, tenho que estar no espaço. Talvez, agora, elas tenham que passar para um outro tipo de luta, concorrer às chefias” (ABREU; ROCHA, 2006, p. 271).

2.2.1 A mulher âncora nos telejornais

A presença feminina nas redações de telejornais começou a se intensificar nos anos de 1980 e 1990. Na atualidade, as mulheres já são maioria. A jornalista Vera Isis

Paternostro, em depoimento para Habib (2005), relatou que, na Globo News, equipes eram formadas exclusivamente pelo sexo feminino: “[...] mulher tem uma disciplina, uma concentração, um método que facilita o trabalho, que na televisão não termina nunca. É o tempo todo produzindo informação” (HABIB, 2005, p. 253). A jornalista ainda ressaltou: “O jornalismo é uma profissão sofrida para a mulher. É difícil trazer a casa, o marido, o filho e a profissão. Trabalhar doze horas por dia e estar o tempo todo preocupada com a casa, com o trabalho, com a equipe (HABIB, 2005, p. 253).

A primeira mulher na apresentação do Jornal Nacional, Lilian Witte Fibe, lembra que elas eram minoria, ainda mais quando se tratavam de cargos altos. Relata que, quando trabalhou na Globo, os editores-chefes dos telejornais eram todos do sexo masculino. Witte Fibe entrou na TV Globo para ser apresentadora do programa “Globo Economia”, em 1987, e ficou na emissora até o ano de 2000.

Já a apresentadora Silvia Poppovic começou a carreira em 1979, no Jornal da Globo, e ficou na emissora até o início da década de 1980. Depois disso, passou por diferentes programas e emissoras, como a TV Gazeta, Bandeirantes e o SBT. Ela admite que abriu vários caminhos para as mulheres com uma trajetória nos telejornais a ser respeitada.

Quando comecei no jornalismo, havia certa padronização. As mulheres usavam cabelo curto, não podíamos usar brincos grandes ou roupa colorida. Era como não ter sexo. Você nunca poderia ser mais importante que a notícia. Hoje isso já melhorou muito. A mulher voltou a ser o que ela é, não precisa ser um poço de sedução, mas pode usar o cabelo comprido. A individualidade em cada uma de nós pode e deve ser preservada, assim como a maneira de contar a notícia, que é o mais interessante, o novo, o fascinante (HABIB, 2005, p. 207).

Com o passar do tempo, as funções de apresentação e de ancoragem de telejornais reuniram bastantes profissionais do sexo feminino, com histórias que se destacam no telejornalismo brasileiro. A seguir, apresentamos algumas dessas mulheres que abriram caminho para que isso se tornasse possível.

Cacilda Lanuza e Branca Ribeiro foram importantes atrizes e apresentadoras, as primeiras a apresentarem um programa telejornalístico no Brasil. Na TV Paulista, as jornalistas apresentaram o “Mappin Movietone”, entre as décadas de 1950 e 1960.

Marisa Raja Gabaglia nasceu em 1942. Jornalista e escritora, era conhecida por sempre se posicionar e se envolver em polêmicas. Foi também atriz na novela Pigmaleão Setenta e jurada em programas de TV. Na TV Tupi, em 1979, em plena

ditadura, a jornalista se manifestava bastante em relação à mulher. O programa que apresentava trazia entrevistas, reportagens e sempre tinha um musical. A jornalista foi repórter da Rede Globo por 18 anos e colunista dos jornais “Última Hora” e do “Diário Popular”. Marisa sempre foi uma referência do jornalismo humanista. Ela introduziu a primeira entrevista no “Jornal Hoje”, onde teve o cargo de apresentadora e repórter. Aos 61 anos, Marisa morreu em decorrência de uma leucemia e deixou seu legado de representação da mulher no telejornalismo.

Leda Nagle nasceu em 5 de janeiro de 1950 em Juiz de Fora. Jornalista, atriz e escritora, Leda se formou em Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora. Após sua formação, ela se mudou para o Rio de Janeiro em busca de crescimento profissional. Destacou-se no “Jornal Hoje” com a condução de entrevistas e permaneceu por dez anos no telejornal, entre os anos de 1979 e 1989. Teve uma presença marcante na bancada do programa.

A jornalista acabou saindo da TV Globo e começou a apresentar o “Jornal da Manchete” no período da tarde. Também passou pelo programa de entrevistas “Agenda” no SBT do Rio de Janeiro. Nos últimos anos, comandou o programa de entrevistas “Sem Censura”, na TV Brasil. Atualmente, comanda um canal no YouTube chamado “Clube da Notícia”, e faz entrevistas com artistas, personalidades e políticos. Entre as marcas da sua apresentação estão a voz, com um timbre levemente rouco, e a seriedade com que sempre encarou os temas debatidos.

Marília Gabriela, cantora, atriz, escritora e jornalista, nasceu em 1948, em Campinas, no interior de São Paulo. Morou também na cidade de Ribeirão Preto, onde fez faculdade de Pedagogia. Aos 20 anos, mudou-se para a capital de São Paulo onde estudou Cinema e Publicidade, mas não conseguiu terminar o curso por ter que trabalhar. No ano de 1989, iniciou a carreira de jornalista quando entrou no “Jornal Nacional” como estagiária. Logo depois, já se tornou repórter da emissora. E, na sequência, foi chamada para apresentar o “Jornal Hoje”. Em 1973, começou a fazer reportagens no “Fantástico” e, no ano seguinte, virou repórter especial do programa. Sua primeira apresentação como âncora foi em 1980, na “TV Mulher”. Dividia a apresentação com Ney Gonçalves Dias e o programa contava com quadros especializados com a sexóloga Marta Suplicy, o estilista Clodovil Hernandez e o cartunista Henfil, entre outros convidados. Foi o primeiro programa da TV totalmente direcionado à mulher, com pautas mais modernas.

Já como correspondente na década de 1980 da TV Globo, em Londres, Marília aceitou um convite para ser apresentadora de um programa de entrevistas “Marília Gabi Gabriela”, na TV Bandeirantes. Em 1989, a jornalista se destacou como mediadora de debates ao vivo nas eleições. Na mesma época, foi âncora do “Jornal Bandeirantes” e, em 1987, apresentadora do programa “Cara a Cara”.

Entre 1995 e 2000, a jornalista teve uma passagem pelo SBT com os programas “SBT Repórter” e depois com o “De Frente com Gabi”. Depois ficou na Rede TV por dois anos, onde apresentou mais um programa de entrevistas. Em 2010, retornou ao SBT para retomar o “De Frente com Gabi”. Com o sucesso, acabou ancorando outro programa, o “Gabi Quase Proibida”. Em 2015, a apresentadora pediu demissão da emissora para fazer uma minissérie no GNT.

Marília ressalta também ter sofrido discriminação por ser mulher: “[...] eu era quem menos ganhava na TV Mulher, apesar de ser a cara da emissora. Tive que chorar muito, berrar muito, para ver se eu conseguia uma equiparação salarial” (NALDONI, 2005, p. 5). Atualmente Marília Gabriela se afastou da TV por conta de uma doença de pele, mas continua ativa em suas redes sociais.

Lilian Witte Fibe nasceu em 1953, na cidade de São Paulo, onde fez faculdade de Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP) e finalizou um curso de extensão universitária em Economia. Sua primeira experiência foi na Folha de S. Paulo, onde trabalhou por dois anos como editora de educação. Com um convite do editor de economia do jornal, a jornalista o acompanhou no Gazeta Mercantil, onde descobriu sua identificação com a Economia. Até sua formação na faculdade, Lilian ficou na editoria, mas depois pediu para trabalhar em Brasília, onde conviveu de perto com o funcionamento do governo na ditadura. A jornalista ficou três anos na capital federal e, em 1979, foi repórter setorista do ministro Mario Henrique Simonsen, e logo depois repórter do “Jornal do Brasil”. Com sua volta ao Gazeta Mercantil, já na TV Bandeirantes, começou a produzir programas de entrevistas e de economia.

Depois de um ano, entrou na TV Globo onde era repórter do “Jornal da Globo”, onde realizou sua primeira reportagem em um telejornal. Depois, tornou-se repórter também de economia do “Jornal Nacional” e fazia comentários no “SPTV” e no “Globo Rural”. Assim, a jornalista teve um destaque muito grande nos telejornais, onde falava sobre assuntos econômicos.

Em 1986, novamente voltou a trabalhar no Gazeta, onde apresentou um programa de entrevista, o “Crítica e Autocrítica”. Mas em menos de um ano voltou a

TV Globo, para ancorar um quadro de economia no telejornal da noite, “Jornal da Globo”. No ano de 1989, passou a fazer comentários financeiros no “Jornal Nacional” ao lado de Joelmir Betting e Alexandre Garcia. Destacou-se também com participação no programa “Palanque Eletrônico”, onde entrevistou candidatos à presidência da república.

Logo depois, a jornalista pediu demissão da Globo para ser âncora e editora-chefe do SBT. Depois de dois anos, retomou novamente à Globo, dessa vez como âncora e editora-chefe. Só em 1996 a jornalista foi para a bancada do “Jornal Nacional”, o telejornal do horário nobre da Rede Globo, ao lado de Willian Bonner. Ela também assumiu a editoria de Economia do JN. Após sua saída, em 1998, retornou para o “Jornal da Globo”.

Lillian se retirou da TV em 2000 para ancorar o “Jornal da Lillian”, no portal Terra, sendo também âncora do “UOL News” em 2004. Em 2008, ancorou na TV Cultura o “Roda Viva” e logo depois fez participações no programa do Jô Soares, na Globo, no quadro “As Meninas”, dialogando e comentando o noticiário político e econômico do país.

Nascida em 1968, em São Paulo, **Sandra Annenberg** começou sua trajetória ainda pequena, com 7 anos de idade, em comerciais na televisão. Aos 14 anos, tornou-se repórter do programa “Crig-Rá”, onde noticiava sobre jovens para jovens. Aos 15 anos, assumiu a apresentação do programa “Show do Esporte” na TV Bandeirantes. Em 1984, apresentou o “TV Criança”, na TV Cultura, além de um programa esportivo e outro de música clássica, o “Grandes Concertos”.

Já na Record, foi âncora do “Super Esporte” e do “Esporte Shopping Show”. Ao mesmo tempo, teve um papel em uma peça teatral na Escola de Arte Dramática, no Rio de Janeiro. Na Record ainda, apresentou o programa TV Franchising.

Com tamanha experiência, a TV Globo convidou a jornalista para fazer um teste como apresentadora do tempo e ela passou. Em 1991, estreou como apresentadora e foi a primeira mulher a ter um quadro fixo em um telejornal, o “São Paulo Já”, onde ficou só um mês, e logo depois já começou a apresentar a previsão do tempo no “Jornal Nacional”. Nessa época, a apresentadora iniciou o curso de Jornalismo na FIAM (Faculdades Integradas Alcântara Machado).

No ano de 1993, foi convidada para ser apresentadora do “Fantástico” em companhia de Celso Freitas e Fátima Bernardes. Logo depois, foi apresentar um programa no Rio de Janeiro, mas não se acostumou e pediu para voltar para a Globo

de São Paulo. Em 1996, foi convidada para ser apresentadora e editora-chefe do “SPTV – 1ª Edição”. Depois de um ano, também se tornou editora-chefe no “Jornal da Globo”. Na sequência, passou a comandar o “Jornal Hoje” ao lado de Carlos Nascimento e, logo depois, ao lado do jornalista Evaristo Costa. Com a função de editora-chefe e apresentadora, também tomou conta do jornal veiculado pela manhã, o “Globo Notícia”.

Além de ser âncora do “Jornal Hoje”, a jornalista começou um novo programa chamado “Como Será?”. E também cobria folgas na apresentação dos apresentadores do “Jornal Nacional”. Logo depois, Sandra assumiu sozinha a apresentação do “Jornal Hoje” e atualmente é apresentadora do “Globo Repórter” ao lado da jornalista Glória Maria.

Glória Maria nasceu em 1949, na cidade do Rio de Janeiro. Negra, pobre, estudante de escola pública, a jornalista foi rádio-escuta em 1970 na Globo. Trabalhando, a jornalista fez o curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RIO). Ela estreou durante o desabamento do Elevado Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro, e aprendeu a segurar e a falar no microfone com o cinegrafista que a acompanhava, Orlando Moreira. Sua primeira aparição em um vídeo foi quando entrevistou os jogadores da seleção brasileira na Copa do Mundo em 1974. Ela foi a primeira repórter negra na apresentação dos telejornais brasileiros. Glória foi pioneira também ao entrar ao vivo num veículo de comunicação televisiva, em cores, no “Jornal Nacional”. No JN fez coberturas importantes na época, como a posse do presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter.

Trabalhou no “Jornal Hoje”, no “Bom Dia Rio” e no “RJTV”. No ano de 1986, ela foi para a equipe do “Fantástico”, onde tornou-se apresentadora em 1998, e continuou por nove anos. Entre 2000 e 2001, foi convocada à editora-chefe e fazia reportagens especiais sobre viagens e lugares inusitados.

Com dez anos de “Fantástico”, a jornalista se retirou por dois anos, para uma viagem à Índia e à Nigéria, onde se voluntariou cuidando de pessoas pobres. Com isso, Glória acabou se encantando por duas meninas e as adotou como suas filhas. Com seu retorno em 2010 na Globo, entrou para a equipe do “Globo Repórter”.

Glória também se destacou muito nas redes sociais com depoimentos contra o racismo. Ela fez diversos relatos sobre o período em que trabalhou no “Fantástico” e sofreu preconceito por ser negra. A jornalista recebia e-mails com teor racista.

Atualmente, Glória segue apresentando o “Globo Repórter” ao lado da amiga Sandra Annenberg.

Mônica Waldvogel é da capital de São Paulo, nasceu no dia 9 de fevereiro de 1955, cursou jornalismo na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e fez diversos cursos, como Economia, Política, História da Arte, Filosofia e Literatura. Ela iniciou a carreira na TV Manchete e ganhou experiência tanto na redação quanto nas reportagens. Logo Mônica foi convidada pela Globo para cobrir a área de economia em Brasília. A repórter se especializou em legislação econômica e realizou várias viagens para acompanhar negociações do governo brasileiro.

Na década de 1980, a jornalista trabalhou em Nova York, para cobrir férias de colegas. De volta ao Brasil, em 1989, cobriu as eleições diretas após a ditadura e se destacou na história jornalística do Brasil. Anos depois, também participou da cobertura da Conferência Mundial para o Meio Ambiente, a Rio-92.

Contratada pelo SBT, a jornalista foi âncora de várias edições TJ Brasil e realizou reportagens políticas. A apresentadora voltou para TV Globo em 1996, para ser âncora e editora-chefe do Jornal da Globo. Pouco tempo depois assumiu o mesmo cargo no Jornal Hoje. Em 1998, foi destacada para cobrir a Copa do Mundo da França. Com isso, preenchia um bloco inteiro do “Jornal da Globo” com curiosidades sobre o mundial. Nos dias em que a seleção brasileira entrava em campo, ela também entrava ao vivo no “Jornal Nacional” para atualizar os brasileiros.

No final dos anos 1990, a jornalista foi efetivada âncora no “Bom Dia Brasil”, mas já no início dos anos 2000 a jornalista acabou saindo mais uma vez da emissora para colocar no ar um projeto pessoal, o programa “Saia Justa”, no canal GNT. O programa está no ar até hoje, com outras apresentadoras, mas o mesmo formato: 4 mulheres que dialogam sobre o cotidiano e temas de relevância social. Ao mesmo tempo, a jornalista assumiu o cargo de editora-chefe e apresentadora do “Fala Brasil”, na Record, onde permaneceu por aproximadamente um ano, conciliando com o programa no GNT. Já em 2004, comandou o “Dois a Um” no SBT, um programa semanal de entrevistas.

No ano de 2006, Mônica ingressou na Globo News, onde passou a desempenhar as funções de comentarista e de repórter de vários programas da emissora. Em 2008 foi apresentadora do “Entre Aspas”, que também era um programa de entrevistas, mas com o objetivo de debater política. A jornalista continua trabalhando na Globo News e é uma das comentaristas do programa “Em Pauta”.

Já **Fatima Bernardes** é carioca. Nasceu em 17 de setembro de 1962. Com o sonho de ser bailarina, Fátima estudou balé até os 17 anos, mas desistiu da dança para começar a trabalhar. Formada pela Faculdade de Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o primeiro trabalho na área de comunicação foi no jornal “O Globo”. No ano de 1986, deixou o jornal para ser estagiária do “Fantástico”, programa dominical da Globo, onde conquistou experiência.

Já em 1987 começou a ser repórter do “RJ TV”. Logo após, teve oportunidade de fazer reportagens para o “Jornal Hoje” e para o “Jornal da Globo”. Sua primeira apresentação foi no programa “RJ TV”, uma substituição a uma colega em licença maternidade. Em 1988, fez a primeira entrada ao vivo em um telejornal, o “Jornal Nacional”. Com essa atuação, a jornalista foi convidada para ser apresentadora do “Jornal da Globo”, onde dividia a bancada ao lado Eliakim Araújo e, na sequência, com Willian Bonner.

No ano de 1992, a jornalista passou a apresentar o “Fantástico” e também fazia reportagens para o dominical. Quatro anos depois, recebeu um convite para ir para o “Jornal Hoje”, onde foi editora-chefe e a apresentadora. Após a licença maternidade, em 1998, ela retornou ao Fantástico e ainda no mesmo ano assumiu a bancada do “Jornal Nacional” ao lado do seu então marido William Bonner.

Em 2011, após 13 anos à frente do “JN”, a jornalista se despediu da bancada para dar início a um novo projeto pessoal, um programa de entretenimento nas manhãs da TV Globo, o Encontro, no ar até hoje.

A jornalista **Belisa Ribeiro** nasceu em 1954, no Rio de Janeiro. cursou Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seu primeiro trabalho foi no “Jornal do Brasil”, com reportagens, principalmente, sobre minorias sociais. Como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), era atuante no movimento Diretas Já, que reivindicava o direito ao voto.

Por isso, ficou conhecida no cenário político e conseguia entrevistas, logo no início da redemocratização, com políticos importantes no Brasil para o programa “Canal Livre” da TV Bandeirantes, que dirigia e apresentava. A jornalista também escreveu um livro, “Bomba no Riocentro”, que mostrava como jornalistas conviveram com a censura. Anos mais tarde, a obra foi reeditada, com o título “Dezoito anos depois”.

No ano de 1980, Belisa participou do grupo de jornalistas da Globo que, pela primeira vez, assumiu a função de locução. Já na TV Bandeirantes, ancorou o programa jornalístico “Dia D”. Também foi correspondente do jornal “O Globo” em Nova York e integrou a equipe que lançou a “Revista Caras” no Brasil. Belisa também foi editora do “Jornal do Brasil” no Rio de Janeiro e em Brasília, além de ser a responsável da coluna política “Informe JB”. Com uma participação rápida na rádio, foi produtora e apresentadora do programa de Ricardo Boechat na Band News Fluminense. Na internet, assinou um newsletter semanal “A semana por Belisa Ribeiro”. Hoje, vive em uma fazenda com os filhos e netos.

Outra importante representante do telejornalismo na atualidade é **Maria Júlia Coutinho**. Nascida em 1978, em São Paulo, cursou Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. Maju, como é conhecida, foi estagiária da Fundação Padre Anchieta, onde realizou vários trabalhos e, após contratada, passou por alguns cargos até tornar-se repórter. No ano de 2005, a jornalista começou a apresentar o “Jornal da Cultura” ao lado de Heródoto Barbeiro. Depois disso, Maju começou a apresentar outro telejornal, “Cultura Meio Dia”, ao lado de Lila Dawa e Vlado Lemos.

Sua chegada à Rede de Globo foi em 2007, novamente como repórter. No início de 2013, a jornalista tornou-se apresentadora do tempo. Logo ela seria referência nesse quadro nos principais telejornais da emissora, “Jornal Hoje” e “Jornal Nacional”. Ela também teve passagens pelo “Hora Um da Notícia” e “Bom Dia Brasil”. Com esse destaque, Maju recebeu um convite para ser a “Garota do Tempo” oficial do “Jornal Nacional”, com entrada ao vivo para todo Brasil. Pouco tempo depois de assumir a função, em 2017, Maju foi alvo de ataques racistas na página oficial do “JN” no Facebook. A jornalista teve um espaço garantido ao vivo no “JN” para rebater os comentários preconceituosos. Colegas de equipe e os apresentadores do “Jornal Nacional”, William Bonner e Renata Vasconcellos, gravaram vídeos e lançaram a hashtag “#SomostodosMaju” em apoio à jornalista. Na data, a hashtag chegando ao topo dos assuntos mais comentado do Twitter.

Logo depois, a jornalista teve uma participação como apresentadora do “SP TV”. Em 2019, a jornalista começou a apresentar, eventualmente, o “Jornal Hoje” e o “Fantástico”. Com a ida de Sandra Annenberg para o “Globo Repórter”, Maju foi a escolhida para assumir o “Jornal Hoje”. Recentemente, Maju foi convidada a assumir a apresentação do “Fantástico”, junto com Poliana Abritta, no lugar de Tadeu Schmidt que passa a apresentar o Big Brother Brasil.

3 O FORMATO PROGRAMA DE ENTREVISTA

Após a revisão bibliográfica sobre a história da televisão no Brasil e a participação feminina no telejornalismo, o próximo objetivo elencado nesta pesquisa era produzir um programa de entrevista para debater o papel feminino como âncora nos telejornais. Mas, para isso, é preciso compreender as características que configuram esse gênero e quais são os formatos possíveis.

Recorre-se, portanto, à classificação dos programas de televisão proposta por Souza (2004) a partir de uma análise da grade de programação das emissoras brasileiras. Segundo o autor, existem cinco categorias: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros. Dentro de cada uma delas, estão os gêneros, que reúnem referenciais comuns tanto aos emissores quanto ao público. Isso porque

[...] somos capazes de *reconhecer* este ou aquele gênero, falar de suas especificidades, mesmo ignorando as regras de produção, escritura e funcionamento. A familiaridade se torna possível porque os gêneros acionam mecanismos de recomposição da memória e do imaginário coletivos de diferentes grupos sociais. (SOUZA, 2004, p. 44).

Ainda de acordo com Souza (2004), ao gênero de um programa, imediatamente, está associado um determinado formato, que “diz tanto sobre suas possibilidades quanto sobre suas limitações” (SOUZA, 2004, p. 45). Segundo o autor, o termo formato tornou-se um termo bastante utilizado por veículos de comunicação para “identificar a forma e o tipo da produção de um gênero de programa televisivo” (SOUZA, 2004, p. 46). Com isso, o formato está sempre associado a um gênero. E o gênero está ligado a uma categoria.

O programa de entrevista pertence à categoria informação. Esse gênero busca diversificação nos entrevistados, colocando sempre à frente do programa um jornalista experiente, de importância para o canal. “No gênero entrevista, o entrevistado é o foco e não um show comandado pelo jornalista/apresentador” (SOUZA, 2004 p.147). É isso, por exemplo, que o diferencia de um *talk show*. A entrevista pode tratar de assuntos como política e atualidade ou até mesmo a vida pessoal, profissional ou assuntos dos quais o entrevistado domina.

No que diz respeito ao formato, o programa de entrevista pode ser feito em estúdio ou em uma locação externa, gravado ou transmitido ao vivo. Pode conter, segundo Souza (2004), elementos que complementem ou auxiliem na abordagem do

assunto, por exemplo, as reportagens. Nesse caso, “[...] são reportagens ao vivo ou gravadas, em estúdio ou locações, que também colocam dois ou mais entrevistados e/ou entrevistadores em locais diferentes, reunidos por satélite (SOUZA, 2004, p.148). Na atualidade, existe a facilidade de comunicação a partir das plataformas digitais. Também é possível contar com conteúdo produzidos de forma remota ou com participantes fazendo perguntas ao entrevistado à distância.

Outro destaque fica por conta dos cenários do programa de entrevista. Normalmente, segundo Souza (2004), entrevistador e entrevistado ficam sentados para possibilitar maior tranquilidade e conforto ao debater determinado assunto. Isso pressupõe também que o programa terá uma duração maior.

Quem também explica o papel da entrevista em televisão são os autores Barbeiro e Lima (2002). Eles esclarecem que o conteúdo desse tipo de programa tem o objetivo de “transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a exposição da intimidade do entrevistado” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 85). Ou seja, a forma como ele fala, tom de voz, a roupa que veste e até mesmo as mudanças nas expressões faciais, que podem conduzir o entrevistador a fazer ou não novas perguntas e conseguir que ele fale algo a mais do que estava planejado ou gostaria de dizer. Os autores ainda ressaltam que “boas entrevistas são as que revelam conhecimentos, esclarecem fatos e marcam opiniões. Quando isso acontece a notícia avança e abre espaços para novas entrevistas e reportagens” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 85).

3.1 A PRODUÇÃO

No livro *Entrevista: Um Diálogo Possível*, de 2008, Cremilda Medina afirma que a entrevista pode ser uma técnica eficaz para o profissional obter respostas de perguntas pré-pautadas. Mas, se encarada apenas dessa forma, “não será um braço forte da comunicação humana” (MEDINA, 2008, p. 5). Para trabalhar pela comunicação humana, a entrevista deve se pautar pelo diálogo.

Um leitor, ouvinte ou telespectador *sente* quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação – repórter – receptor) se interligam numa única *vivência*. A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado

transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio de comunicação anônima. Isto, se a entrevista se aproximou do diálogo interativo. (MEDINA, 2008, pp. 5-6).

Com isso, a entrevista jornalística é uma técnica de interação social, em que as informações podem ser interpretadas com o objetivo de favorecer a pluralização de vozes. É por isso que a autora diferencia dois grupos de entrevista: as que só buscam espetacularizar o ser humano e as que buscam compreendê-lo. O jornalista deve estar em constante busca do aperfeiçoamento para se manter no segundo.

Novamente Barbeiro e Lima (2002) nos trazem uma série de apontamentos sobre como tornar as entrevistas em televisão mais próximas de um diálogo. Primeiro, é preciso que o programa tenha começo, meio e fim, para facilitar o entendimento e o desenrolar da conversa com o entrevistado. As perguntas devem ser elaboradas com base na experiência do entrevistado ou com base em um tema específico que ele domine. O apresentador sempre deve partir de perguntas que os telespectadores gostariam de fazer e que detalhem o assunto, para que o entrevistado exponha seu ponto de vista.

3.2 O MOMENTO DA ENTREVISTA

A entrevista não pode ser um bate papo e sim conversa entre apresentadores, entrevistados e telespectadores. O jornalista deve ser claro e preciso com as perguntas e, segundo Barbeiro e Lima (2002) deve sempre retomar o questionamento ao entrevistado se tiver dúvidas, para que a resposta fique clara para todos. Se o jornalista se preparou bem para entrevista, isso fique evidente no posicionamento dele, uma vez que não são necessárias as chamadas “muletas” antes das perguntas.

Há uma muleta que deve ser evitada para se fazer uma boa entrevista. É “como o senhor está vendo isso”? Se ele for bem-humorado, é capaz de responder: “Com os olhos”. Outra muleta que cabe em qualquer situação é “Qual é sua opinião sobre ...”? Fuja do óbvio. Há perguntas que beiram a cretinice como diante da mãe que acabou de perder a filha perguntar *como ela se sente*. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 86).

Estar atento à fala do entrevistado é outro ponto destacado pelos autores para o momento da entrevista. Só assim é possível sair do roteiro pré-estabelecido e se

aprofundar a partir da fala do entrevistado. Mas, também nesse caso, o jornalista precisa estar preparado e conhecer muito bem o tema e o entrevistado.

3.3 A ETAPA DA EDIÇÃO

A edição está presente em duas etapas. Antes da gravação ou da exibição ao vivo do programa de entrevista, no preparo de materiais, como reportagens e notas cobertas que serão utilizadas no programa. E também em uma etapa posterior, na finalização do programa de entrevista gravado.

O programa que vai ao ar ao vivo não conta com edições, apenas em versões reprisadas, por exemplo. Já nas edições gravadas, são feitos pequenos ajustes, na maior parte das vezes, de adequação do tempo à grade de programação, ou seja, ao tempo dedicado ao programa de entrevista.

Nesse último caso, a edição deve ser cuidadosa para não modificar a fala do entrevistado. Esses são princípios universais no jornalismo televisado, valem para qualquer gênero.

Com isso, o programa de entrevista é um gênero que oferece a oportunidade de ampliar a visão dos telespectadores e promover a reflexão sobre um determinado tema. É por isso que ele foi escolhido para a produção do produto que integra este trabalho e busca responder ou, pelo menos, debater: por que há mais homens âncoras apresentando telejornais no Brasil do que mulheres? As mulheres seriam coadjuvantes ou protagonistas?

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Logo após o levantamento bibliográfico e documental apresentado e a definição do formato do produto a ser produzido, buscou-se, junto com a pesquisa e escolha das entrevistadas e roteirização, definir a identidade visual do programa de entrevista. Após um período de *brainstorm*, chegou-se ao nome: “Mulheres em Ação”. Depois de toda a reflexão teórica apresentada, entendeu-se que esse era um nome que representava o momento atual vivenciado pelas mulheres jornalistas nas emissoras de televisão. Elas estão em ação, ainda que haja dificuldades relacionadas ao gênero no mercado televisivo brasileiro. E, justamente por essa questão, ainda é necessário discutir preconceitos e situações de enfrentamento ao lado das muitas conquistas que já foram alcançadas. A seguir, o detalhamento de cada uma das etapas.

4.1 A PRÉ-PRODUÇÃO DO PROGRAMA

O primeiro passo foi escolher quem seriam as jornalistas que participariam do programa de entrevista “Mulheres em Ação” para debater o mercado de trabalho atual e a posição de coadjuvante ou de protagonista das jornalistas apresentadoras e âncoras.

Foi feito o contato com 3 jornalistas que atuaram na apresentação de telejornais na cidade de Bauru, interior de São Paulo: Fernanda Ubaid, jornalista da TV TEM, afiliada da Rede Globo, Bianca Didoni, jornalista da TV Prevê, emissora educativa, e Michele Bacelar, jornalista que atuou como apresentadora, na TV TEM em Bauru. As três profissionais aceitaram o convite para participar do programa. Duas delas participaram de forma presencial, Fernanda Ubaid e Bianca Didoni. Michele Bacelar estava em outra cidade e participou de forma remota.

Após pesquisa sobre a trajetória e carreira das profissionais, foi montado um roteiro com as indicações técnicas e também as perguntas que seriam feitas às jornalistas, que deveriam refletir a proposta de discussão apresentada nesta pesquisa. O roteiro pode ser conferido no Apêndice A deste relatório.

O programa foi pensado para ter 3 blocos e 30 minutos de duração, porém, como será apresentado a seguir, o tempo de duração total foi ampliado. Para compor a edição, também foi produzida uma nota coberta, com registro das primeiras jornalistas que atuaram na apresentação de telejornais e deixaram sua marca na

história da televisão brasileira. A lauda com o texto da nota coberta pode ser conferida no Apêndice B deste relatório.

Foram produzidas uma vinheta, com o nome “Mulheres em Ação”, em base rosa escuro e trilha, que serviu para abertura e passagem de bloco do programa, bases para a inserção de créditos da apresentadora e das convidadas na mesma identidade visual da vinheta, e também uma base para a geração dos créditos de produção do programa, exibidos no encerramento.

A gravação ocorreu no dia 24 de setembro de 2021, no estúdio do Núcleo de Produção Multimídia, do Centro Universitário Sagrado Coração, das 19h às 21h30.

4.2 DETALHES DA GRAVAÇÃO

A escolha do estúdio do Núcleo de Produção Multimídia do Unisagrado se deu pelo acesso fácil proporcionado aos alunos, que podem recorrer ao estúdio para fins acadêmicos, possibilitando uma maior qualidade aos seus trabalhos, uma vez que o espaço dispõe de infraestrutura e também de equipe técnica qualificada para auxiliar os estudantes. Para a gravação, contou-se com a presença do coordenador do Núcleo, Paulo Macari, e dos técnicos Diego Bittencourt e Leandro Zacarim.

Para a gravação, foram estabelecidos 3 enquadramentos: plano geral, com enquadramento de todas as participantes, inclusive a jornalista que estava participando de forma remota e podia ser vista na tela de uma televisão no cenário; plano médio, com enquadramento apenas da estudante e das convidadas em estúdio; e primeiro plano da estudante, ao fazer a abertura, passagens de bloco e encerramento do programa.

Entre os equipamentos utilizados, 3 câmeras Sony mc1000 e Sony 2000, duas delas com equipamento de teleprompter. Já para a captação de áudio foram usados microfones de mão para as convidadas, conectados aos switches modelo mcs- 8m. Para a apresentadora, foi usado um microfone *headset*. Além desses, ainda foi utilizada uma CTV para que fizéssemos o link com a convidada que não pôde estar presente na data da gravação e o aplicativo Zoom.

4.3 A EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

Após a gravação do programa, foi feita uma decupagem do material bruto para identificar possíveis pontos de edição da gravação. Nesse sentido, é importante lembrar que

Editar é algo muito pessoal e depende muito do editor. Dificilmente dois editores com o mesmo material em mãos, a mesma reportagem para ser editada, vão fazer a mesma edição. Isso não significa que uma matéria esteja certa e a outra errada, levando em consideração que os dois analisaram todos os aspectos. São, apenas, edições diferenciadas que vão revelar a ideologia de vida de cada um. (CRUZ NETO, 2008, p. 84).

Após essa identificação, com o auxílio do editor do Núcleo de Produção Multimídia do Unisagrado, Diego Bittencourt, os cortes foram feitos assim como a inserção de toda a identidade visual. Para isso, foi utilizado o software de edição de vídeos Adobe Premiere.

O programa, que inicialmente foi pensado com 30 minutos de duração, foi finalizado com 57 minutos e 17 segundos. A opção por estender a duração se deu pela relevância do conteúdo abordado e das reflexões apresentadas pelas entrevistadas. No momento, ele se encontra na plataforma de vídeos Youtube, como conteúdo não listado, podendo ser visualizado apenas para quem tem o link. Porém, assim que houver a liberação, o produto ficará disponível na plataforma de vídeos do Google.

É importante ressaltar, ainda, que além do auxílio técnico para a edição, Leonardo Colombo e Hemily Polonio, colegas de curso desta estudante, também auxiliaram muito no processo de edição do programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha como objetivo debater o papel e a representatividade da mulher como âncora ou apresentadora em telejornais no Brasil. Para isso, foram traçados como objetivos específicos realizar uma revisão bibliográfica sobre a história da televisão no Brasil e a participação feminina no telejornalismo, produzir um programa de entrevista para debater essas questões com profissionais atuantes e identificar se as mulheres são protagonistas ou coadjuvantes nos telejornais.

Como hipótese central, partiu-se da ideia de que o coadjuvantismo feminino remonta ao início da implantação da imprensa no país e começa desde a estruturação dos jornais impressos, em que os cargos de chefia já eram ocupados por homens, que detinham a credibilidade profissional.

Sendo assim, considera-se que os objetivos acima traçados foram concluídos e que a hipótese levantada foi confirmada. Por meio do programa de entrevista produzido foi possível identificar que, apesar de estarem ganhando espaço como protagonistas, as jornalistas ainda enfrentam muitos desafios relacionados ao gênero. É evidente que, cada vez mais, o mercado televisivo abre-se para o sexo feminino. Mas, há estereótipos relacionados à imagem e à competência da mulher que precisam ser quebrados, como bem apontaram as entrevistadas, que vivenciaram questionamentos sobre a aparência e a qualidade do trabalho que desenvolvem.

A mulher jornalista vem conquistando seu espaço como protagonista na televisão brasileira após um longo período de dominação masculina. Eles conseguiram chegar antes nas redações e nos cargos de liderança. Mas elas ganharam força e mostram que é possível conciliar a vida pessoal com a profissional: ao mesmo tempo em que assumem suas funções, não deixam de lado, por exemplo, cuidados com os filhos e serviços domésticos.

Por meio do programa de entrevista com as jornalistas convidadas também ficou evidente a importância da presença feminina nos telejornais, seja por meio de repórter e apresentadoras, que estão no vídeo, seja nas demais funções nas redações e cargos de liderança. O que prova que as mulheres vêm rompendo com um processo histórico em que foram colocadas na posição de coadjuvantes não por conta de sua capacidade, mas por conta de uma estrutura machista da sociedade.

As mulheres que já passaram pelas emissoras brasileiras e as que atuam nos dias de hoje, a exemplo das entrevistadas do programa produzido neste trabalho, são

a garantia de que garotas e jovens se inspirem para atuar na profissão. E, como futura jornalista, posso afirmar que, com muita dedicação e vontade, podemos, sim, mostrar que somos protagonistas.

Para finalizar, é importante ressaltar que o desenvolvimento deste projeto ocorreu durante a pandemia de Covid-19. Pensando na segurança de todos os envolvidos nesse projeto, a gravação do programa de entrevista foi adiada diversas vezes. E só foi realizada em um período considerado mais seguro a todos, uma vez que a intenção sempre foi fazê-la de modo presencial, uma experiência considerada fundamental para esta aluna. Assim, todos os participantes, aluna, convidadas e equipe técnica já estavam vacinados.

Este, sem dúvida, foi um processo muito desafiador, desde a construção do relatório, o volume de informações captadas na gravação e até mesmo a interação, durante a realização do programa, com as convidadas. Portanto, de muita experiência prática para esta estudante.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de; ROCHA, Dora. **Elas ocuparam as redações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, 2006, set-dez, pp. 265-274. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em 16 out. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016.

BRUSCHINI, Cristina. **Mulher e mundo do trabalho: um ponto de vista sociológico**. In: Anais do Seminário Mulher, Desenvolvimento e Relações de Gênero. Centro João XXIII de Investigação e Ação Social (CIAS), Rio de Janeiro, 1991.

COUTINHO, Iluska. **Um público para chamar de seu: A construção da audiência no discurso do Jornal Nacional**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2010.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FARFAN, Tainá Mesquita. **Mulher e telejornalismo: uma análise da presença feminina na apresentação ou ancoragem de telejornais no Brasil. 2015**. 76 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FECHINE, Yvana. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do étnos. **Revista FAMECOS**, v. 15, n. 36, p. 69-76, 20 nov. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4417>. Acesso em 19 out. 2021.

FENAJ. **Mulheres jornalistas também sofrem discriminação de gênero**. Disponível em: <https://fenaj.org.br/mulheres-jornalistas-tambem-sofrem-discriminacao-de-genero/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FUNCK, Susana Bórneo. Discurso e identidade de gênero. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; SCLIAR-CABRAL, Leonor (orgs.). **Desvendando Discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: UFSC, 2008, p.183-195.

HABIB, Lia. **Jornalista: profissão mulher**. São Paulo: Sapienza Editora, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOPES, Felisbela. **Homens públicos, mulheres privadas – a presença da mulher na informação televisiva**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-felisbela-homens-publicos-mulheres-privadas-2007.pdf>. Acesso em 10 out. 2021.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e gênero. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 222 – 231.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>. Acesso em 10 out. 2021.

MOTA, Célia Ladeira. O âncora: um mediador entre a notícia e a nação. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, USP, 2009.

NALDONI, Thaís. Jornalistas superpoderosas V – Marília Gabriela: “Me olham na novela tentando encontrar a jornalista”. **Portal Imprensa**, 8 mar. 2005. Disponível em: http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/3832/jornalistas+superpoderosas+v+++marilia+gabrielame+olham+na+novela+tentando+encontrar+a+jornalista. Acesso em 18 set. 2021.

PORCELLO, Flávio, et al. **60 Anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica**. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira De História & Ciências Sociais**. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em 16 de out. 2021.

SILVA, Camila Pérez Gonçalves da. Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística. **Revista Temática**, ano 5, n. 06, 2009.

SILVA, Márcia Veiga. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção de notícias**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SOUZA, J. C. A de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2014.

SANTOS; M.; TEMER, A. C. R. P. (Orgs.). **Mulheres no jornalismo: práticas profissionais e emancipação social**. São Paulo: Cásper Líbero: UFG/FIC, 2018.

TEMER, A. C. R. P. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: PORCELLO, Flávio, et al. **60 Anos de Telejornalismo no Brasil**: História, análise e crítica. Florianópolis: Editora Insular, 2010, pp. 101-126.

VIZEU, Alfredo et al. **Telejornal e Praça Pública**: 65 anos de Telejornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo. In: VIZEU, Alfredo. **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

APÊNDICE A

ROTEIRO DO PROGRAMA DE ENTREVISTA

GC: <u>VITÓRIA FOGOLIN</u>	CAM FEC	>>CAM FECHADA<< OLÁ, SEJAM MUITO BEM-VINDOS. ESTÁ NO AR O “MULHERES EM AÇÃO”.\\
	CAM FEC	>>CAM FECHADA<< HOJE VAMOS FALAR UM POUCO SOBRE AS MULHERES JORNALISTAS NA BANCA DOS TELEJORNAIS.\\ E CONVIDAMOS TRÊS PROFISSIONAIS DO INTERIOR DE SÃO PAULO.\\
	CAM AB	>>CAM ABERTA<< ENTÃO, PRIMEIRAMENTE, EU QUERO DAR AS BOAS-VINDAS E AGRADECER A TODAS AS CONVIDADAS QUE ESTÃO AQUI.\\
	CAM AB	A FERNANDA UBAID, APRESENTADORA DO BOM DIA CIDADE, O JORNAL DAS MANHÃS DA TV TEM. OBRIGADA, FERNANDA.\\ === AGRADECIMENTOS FERNANDA ===

	CAM AB	<p>TAMBÉM, CONOSCO, A JORNALISTA DA TV PREVÊ E PROFESSORA DAS FACULDADES INTEREGRADAS DE JAU, BIANCA DIDONE.\\ OBRIGADA, TAMBÉM, PELA PRESENÇA.\\</p> <p>=== AGRADECIMENTOS BIANCA ===</p>
	CAM AB	<p>E MAIS UMA PROFISSIONAL TALENTOSA QUE ESTÁ AQUI COM A GENTE DE FORMA REMOTA, A MICHELE BACELAR. ELA JÁ PASSOU PELA TV TEM E ATUALMENTE DESENVOLVE PROJETOS NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO.// OBRIGADA, MICHELE!</p> <p>=== AGRADECIMENTOS MICHELE ===</p>
	CAM FEC	<p>>>CAM FECHADA<<</p> <p>NEM SEMPRE A PRESENÇA FEMININA ESTEVE GARANTIDA NO TELEJORNALISMO.\\ AS PRIMEIRAS JORNALISTAS</p>

<p><u>FERNANDA UBAID</u> apresentadora TV TEM</p> <p><u>BIANCA DIDONE</u> apresentadora TV Prevé</p> <p><u>MICHELE BACELAR</u></p>	<p>CAM AB</p>	<p>ATUARAM NAS REDAÇÕES DOS TELEJORNAIS ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 E 1990.\\ ENTÃO, VAMOS ENTENDER A TRAJETÓRIA FEMININA NAS BANCADAS DOS TELEJORNAIS BRASILEIROS E COMO ELAS CONQUISTARAM SEU ESPAÇO.\\</p> <p>>>ABRE SOM DA NOTA COBERTA<< TEMPO DE DURAÇÃO:</p> <p>>>SAI SOM DA NOTA COBERTA<<</p> <p>COMO ACABAMOS DE VER A MULHER, TEVE MUITA DIFICULDADE EM SE INSERIR NO MERCADO TELEVISIVO.</p> <p>1 - COM ISSO, MENINAS, COMO FOI O PRIMEIRO CONTATO DE VOCÊS COM O TELEJORNALISMO? MICHELE, O QUE VOCÊ CONTA PRA GENTE?</p>
--	-------------------	---

jornalista

2 - E O QUE LEVOU VOCÊS A ESCOLHEREM ESSA ÁREA DE ATUAÇÃO?

3 – VOCÊS ENFRENTARAM ALGUMA DIFICULDADE NO INÍCIO DA CARREIRA RELACIONADA AO FATO DE SEREM MULHERES?

4 – VOCÊS DEIXARAM DE FAZER ALGO QUE GOSTARIAM MUITO POR CONTA DISSO?

5 – AINDA HOJE, ENFRENTAM ALGUMA DIFILCUDADE PARA EXERCER A SUA FUNÇÃO?

>>CAM FECHADA<<

NÃO SAIA DAÍ.\ NÓS VAMOS PARA UM RÁPIDO INTERVALO E NO PRÓXIMO BLOCO TEM MAIS BATE-PAPO E DETALHES SOBRE A CARREIRA DAS JORNALISTAS BAURUENSES.\

=== INTERVALO ===

GC: VITÓRIA FOGOLIN

=== BLOCO 2 ===

>>CAM FECHADA<<

ESTAMOS DE VOLTA COM O PROGRAMA MULHERES EM AÇÃO.// HOJE, FALAMOS SOBRE A CARREIRA DE 3 JORNALISTAS QUE ATUAM OU JÁ PASSARAM POR EMISSORAS DE TV EM BAURU.//

>>CAM ABERTA<<

CONOSCO, FERNANDA UBAID, DA TV TEM, BIANCA DIDONE, DA TV PREVÊ, E MICHELE BACELAR.

>>CAM FECHADA<<

O PRIMEIRO REGISTRO DE UMA MULHER ÂNCORA NA TV BRASILEIRA FOI EM 1976.\\ ATÉ ESSA DATA, AS JORNALISTAS PARTICIPAVAM DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DOS TELEJORNAIS, MAS NÃO

<p><u>FERNANDA UBAID</u> <u>apresentadora TV TEM</u></p> <p><u>BIANCA DIDONE</u> <u>apresentadora TV Prevê</u></p> <p><u>MICHELE BACELAR</u> <u>Jornalista</u></p>	<p>ASSUMIAM A BANCADA.\ \ HOJE EM DIA, ELAS MARCAM PRESENÇA NOS PRINCIPAIS TELEJORNALIS BRASILEIROS.\ \ UMA REPRESENTATIVIDADE FUNDAMENTAL.\ \</p> <p>>>CAM ABERTA <<</p> <p>6 – NÓS JÁ FALAMOS SOBRE OS DESAFIOS QUE VOCÊS ENFRENTAM NO INÍCIO DA PROFISSÃO.\ \ ALGUMA EXPERIÊNCIA DE PRECONCEITO FOI MARCANTE PARA VOCÊS? FERNANDA, VOCÊ TEVE UMA EXPERIÊNCIA ASSIM, NÃO É?</p> <p>7 - BIANCA E MICHELE, VOCÊS PASSARAM POR ALGO PARECIDO OU CONHECEM ALGUMA COLEGA QUE ENFRENTOU UMA SITUAÇÃO ASSIM?</p> <p>8 – NO DIA A DIA, VOCÊS JÁ SENTIRAM QUE FORAM COLOCADAS COMO COADJUVANTES EM UMA APURAÇÃO DE NOTÍCIA OU EM</p>
--	---

<p><u>GC: VITÓRIA FOGOLIN</u></p>	<p>ALGUMA PRODUÇÃO ESPECÍFICA?</p> <p>9 – AGORA, POR OUTRO OUTRO LADO, QUAL FOI O MOMENTO DA CARREIRA EM QUE VOCÊS SE SENTIRAM PROTAGONISTAS? COMO VOCÊS SE SENTIRAM?</p> <p>>>CAM FECHADA<<</p> <p>NÓS VAMOS PARA O NOSSO ÚLTIMO INTERVALO, MAS CONTINUAMOS ESTE BATE-PAPO JÁ JÁ.\ ENTÃO, FIQUE COM A GENTE.\</p> <p>=== INTERVALO ===</p> <p>=== BLOCO 3 ===</p> <p>>>CAM ABERTA<<</p> <p>VOLTAMOS COM O “PROGRAMA, MULHERES EM AÇÃO” QUE HOJE RECEBE AS JORNALISTAS FERNANDA UBAID, BIANCA DIDONE E MICHELE BACELAR.\</p>
-----------------------------------	--

<p><u>FERNANDA UBAID</u> <u>apresentadora TV TEM</u></p>	<p>NESTE ÚLTIMO BLOCO, VAMOS FALAR UM POUCO SOBRE OS ATAQUES QUE MUITAS JORNALISTAS SOFREM NAS REDES SOCIAIS.\\</p> <p>>>CAM FECHADA<<</p> <p>VOCÊ DEVE SE LEMBRAR DE UM EPISÓDIO ASSIM QUE ACONTECEU COM A JORNALISTA RENATA VASCONCELOS, APRESENTADORA DO JORNAL NACIONAL, DA REDE GLOBO. // DEPOIS DE REBATER UM CANDIDATO À PRESIDÊNCIA, ELE FEZ COMPARAÇÕES DO SALÁRIO DELA COM O DO EDITOR-CHEFE DO TELEJORNAL, DIZENDO QUE OS DOIS TINHAM O MESMO CARGO E ELA RECEBIA MENOS. // O ASSUNTO GANHOU AS REDES SOCIAIS.//</p> <p>10 – VOCÊS ACOMPANHARAM ESSE EPISÓDIO? O QUE ACHARAM DESSA COMPARAÇÃO</p>
--	--

BIANCA DIDONE

apresentadora TV Prevé

MICHELE BACELAR

jornalista

QUE FOI FEITA PARA JUSTIFICAR UMA POSSÍVEL DIFERENÇA SALARIAL?

11 – ESSE EPISÓDIO GANHOU AS REDES SOCIAIS. E OS HATERS APROVEITARAM PARA COMPARTILHAR TODO O TIPO DE CONTEÚDO PRECONCEITUOSO. VOCES JÁ SOFRERAM COM ISSO POR ALGUMA REPORTAGEM OU ATE MESMO FALAS QUE FORAM MAL INTERPRETADAS?

12 - COMO VOCÊS LIDAM COM ESSES COMENTÁRIOS MALDOSOS PELA INTERNET? ~

13 – E É POSSÍVEL SEPARAR ESSAS QUESTÕES DE TRABALHO DA VIDA PRIVADA? OU VOCÊS ACABAM AFETADAS EMOCIONALMENTE POR ESSES CONTEÚDOS?

14 - QUAL SERIA O CONSELHO PARA AS JOVENS JORNALISTAS

QUE ESTÃO ENTRANDO NO
MERCADO DE TRABALHO?

15 – E O QUE VOCÊS ESPERAM
PARA O FUTURO DO
JORNALISMO NO QUE DIZ
RESPEITO À EQUIDADE ENTRE
OS GÊNEROS?

>> CAM ABERTA <<
MENINAS, EU AGRADEÇO MAIS
UMA VEZ A PARTICIPAÇÃO DE
VOCÊS NESTE PROGRAMA.

=== AGRADECIMENTOS FINAIS
===

>>CAM FECHADA<<
O “MULHERES EM AÇÃO” FICA
POR AQUI.\\ GOSTARIA DE
APROVEITAR A ÚLTIMA
OPORTUNIDADE NESTE ESTÚDIO
PARA AGRADECER À TODA
EQUIPE TÉCNICA E PEGAGÓGICA
DO UNISAGRADO, QUE
CONTRIBUIU MUITO PARA O MEU
DESENVOLVIMENTO

	<p>NESSES CINCO ANOS.\\ MUITO OBRIGADA.\\ TCHAU, TCHAU!</p>
--	---

APÊNDICE B

ROTEIRO DA NOTA COBERTA

	OFF	<p>OS ANOS INICIAIS DO TELEJORNALISMO BRASILEIRO REFLETIAM A ESTRUTURA DA SOCIEDADE: OS HOMENS OCUPAVAM AS BANCADAS E OS CARGOS DE LIDERANÇA.\\ UMA DEMONSTRAÇÃO DE PODER E POSIÇÃO SOCIAL, ENQUANTO AS MULHERES FICAVAM COM AS FUNÇÕES SECUNDÁRIAS.\\</p> <p>NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, AS BANCADAS E OS CARGOS DE LIDERANÇA NOS TELEJORNAIS ACOMPANHARAM AS MUDANÇAS NA SOCIEDADE.\\</p> <p>NÓS, MULHERES, CONQUISTAMOS NOSSO ESPAÇO E CONTINUAMOS LUTANDO POR IGUALDADE E REPRESENTATIVIDADE, INCLUSIVE, NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO.\\</p> <p>A PRIMEIRA APARIÇÃO DE UMA MULHER NA APRESENTAÇÃO DO JORNAL NACIONAL FOI NA</p>
--	-----	---

DÉCADA DE 1970. MAS SÓ EM 1996 A JORNALISTA LILIAN WITTE FIBE ASSUMIU A BANCADA.

DEPOIS DISSO, O TELEJORNAL MAIS ANTIGO DO PAÍS E OUTROS PROGRAMAS DA EMISSORA PASSARAM A SER CONDUZIDOS POR MULHERES, QUE SE TORNARAM REFERÊNCIA NA ÁREA. GLÓRIA MARIA, FATIMA BERNARDES, RENATA VASCONCELLOS ENTRE TANTAS OUTRAS, EM PROGRAMAS LOCAIS OU DE ABRANGÊNCIA NACIONAL.\

MAS, SERÁ QUE É POSSÍVEL AFIRMAR QUE AS MULHERES TORNARAM-SE PROTAGONISTAS NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO?

ANEXO A

AUTORIZAÇÕES DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o(a) **Mulheres em Ação**, desenvolvido(a) por Vitoria Fogolin Vieira, RG; 49.857.243-2 CPF:475.415.888-14), como trabalho da disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso" do curso de Jornalismo do Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, *videos* e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a Unisagrado ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos onexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 24 de Setembro de 2021.


Assinatura

Nome:	Bianca Duleri
Endereço:	Ademir Guag 2-23
Cidade:	Bauru
RG N°:	44.873.129-0
CPF N°:	379.004.288-95
Telefone para contato:	14 981560954
E-mail:	buduleri@gmail.com



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

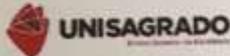
Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o(a) **Mulheres em Ação**, desenvolvido(a) por Vitoria Fogolin Vieira, RG; 49.857.243-2 CPF:475.415.888-14), como trabalho da disciplina “ Trabalho de Conclusão de Curso” do curso de Jornalismo do Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, *videos* e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a Unisagrado ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos onerosos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru , 24 de Setembro de 2021
 Maria Fernanda Kulaif Ubaid
 Assinatura

Nome: Maria Fernanda Kulaif Ubaid
Endereço: Rua Ana Rosa Zucker Dannunziata, 2-32, apto 1206
Cidade: Bauru
RG Nº: 43.471.222-x
CPF Nº: 368.431.618-04
Telefone para contato: 14 98131-8649
E-mail: ferubaid@gmail.com



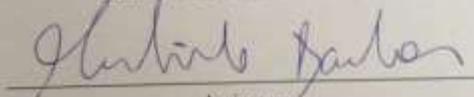
Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o(a) **Mulheres em Ação**, desenvolvido(a) por Vitoria Fogolin Vieira, RG: 49.857.243-2 CPF:475.415.888-14), como trabalho da disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso" do curso de Jornalismo do Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO com sede em Bauri/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a Unisagrado ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos onerosos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauri, 24 de Setembro de 2021.


Assinatura

Nome:	Michel B. da Silva Franco
Endereço:	Av. Unisagrado, 1011
Cidade:	Araçatuba - SP
RG N°:	49.768-263-5
CPF N°:	377-086-808-08
Telefone para contato:	(18) 99724-5260
E-mail:	mytelemobile@gmail.com